ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.27.577

GRUPOS FOCAIS COMO FERRAMENTA DE PESQUISA QUALITATIVA NA FISIOTERAPIA: IMPLICAÇÕES E EXPECTATIVAS

FOCUS GROUPS AS A TOOL FOR QUALITATIVE RESEARCH IN PHYSIOTHERAPY: IMPLICATIONS AND EXPECTATIONS

Dartel Ferrari de Lima[1]

Adelar Aparecido Sampaio[2]

Resumo: O grupo focal é uma ferramenta de investigação qualitativa, que se apresenta como alternativa para fornecer informações no campo da fisioterapia. O grupo focal não é uma novidade, mas o seu uso ainda é conflitante, com procedimentos periodicamente revisados. Este artigo visa explorar a sistematização de funcionamento do grupo focal, à procura de implicações e expectativas desse método, para ampliar seu uso nas pesquisas no campo da fisioterapia. Este artigo se caracteriza como um ensaio acadêmico interpretativo, buscando compreender perspectivas da obtenção de dados de grupos focais no campo da fisioterapia. Os autores discutem o processo, analisando vantagens e desvantagens dessa ferramenta. Conclui-se que o grupo focal é uma ferramenta de coleta de dados que requer do mediador, cuidados na composição do grupo e na condução dos debates, para poder compreender a perspectiva do grupo sobre um tópico de interesse.

Palavras-chave: Métodos; Normas; Promoção de Pesquisa.

Abstract: Focus group is a research tool in qualitative research, presenting themselves as an alternative for providing information in the field of physiotherapy. Although, focus groups are not new, their use is still conflicting, with procedures periodically revised. This paper explores the methodological systematization of the focus group, seeking to expand the use of this tool in physiotherapy research. This paper is design as an interpretative academic essay, seeking understanding of the perspective of focus group data collection and analysis as a qualitative research tool in the field of physiotherapy. The writers cover the procedure, analysis, benefits, and drawbacks of this qualitative technique. The conclusion is that the focus group is a data collection tool, requiring from the mediator, care in the composition of the group and in the conduction of the debates, to be able to understand a group's perspective on a topic of interest.

Keywords: Methods; Standards; Research Promotion.

1 Introdução

Os métodos de pesquisa de abordagem qualitativa voltados para os estudos do comportamento humano mostram-se variados. No entanto, mesmo diante da popularidade e da relevância de tais estudos, ainda se observam algumas dificuldades de compreensão de alguns métodos utilizados para se obter fiabilidade e representatividade das informações qualitativas. Assim, de modo a preencher essa lacuna no conhecimento,

[1] Doutor em Medicina Preventiva pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). Docente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), campus de Marechal Cândido Rondon, Paraná, Brasil. E-mail: dartelferrari07@gmail.com; dartel.lima@unioeste.br

[2] Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Docente da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Corumbá, Mato Grosso do Sul, Brasil. adelarsampaio@hotmail.com

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.27.577

busca-se aumentar a compreensão de metodologias capazes de fundamentar as investigações qualitativas com o rigor que potencialize a credibilidade de seus resultados (MAATZ *et al*., 2016).

A crescente atividade dos investigadores na área da saúde, especialmente no campo da fisioterapia, reflete o aumento na quantidade de estudos publicados na respectiva área. A investigação com abordagem qualitativa, passa a ser de particular importância para compreender os comportamentos do público-alvo. O conhecimento desses padrões comportamentais e das formas de desenvolvê-los, amplia as oportunidades de influenciar as atitudes pessoais e coletivas, aumentando a eficácia do processo de comunicação entre os fisioterapeutas e os pacientes (NEVES; BRICK, 2011).

Uma abordagem de investigação qualitativo disponível para atender às necessidades emergentes acima mencionadas, é o recurso mediado por grupos focais (THEN; RANKIN; ALI, 2014). A essência desse método é o foco atribuído a um grupo, estruturado em entrevista coletiva na forma de discussão, revelando as percepções de fenômenos explorados.

A técnica de pesquisa com grupo focal, concebida para obter informações subjetivas sobre a percepção dos participantes, fornece uma visão dos valores dos inquiridos, de modo a compreender a motivação por detrás de seu comportamento (BICUDO, 2009). Essas entrevistas semipadronizadas combinam o foco de um problema particular com a liberdade das declarações dos inquiridos. Assim, o objetivo do grupo focal é reunir informações, em vez de alcançar a unidade de pensamentos (STALMEIJER; MCNAUGHTON; VAN MOOK, 2014).

Essa ferramenta de pesquisa, utilizada na busca de informações qualitativas ou interpretativa de investigação, está presente extensivamente nas pesquisas das áreas humanas e sociais, se apresentando mais recentemente na área da saúde, principalmente nas pesquisas de satisfação, de interesses e conflitos dos consumidores. O uso dessa metodologia é incipiente no campo da fisioterapia (LIMA *et al*., 2022b).

Nos últimos anos, o ritmo da escalada dos eventos sociais foi acelerada com a incorporação das novas tecnologias de comunicação, expandindo as pesquisas científicas aplicadas (LAZARIM *et al*., 2022). Novas atitudes passaram a determinar a necessidade de novas abordagens investigatórias para compreender a realidade e as estratégias de apropriação científica e prática. Assim, novos fenômenos, nas diferentes esferas do conhecimento, são desencadeados, solicitando mudanças nas condições das informações,

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.27.577

seja nas relações de produção e de consumo, ou de produtos e serviços, justificando a necessidade de ampliar a oferta de informações qualitativas para a área da saúde.

As pesquisas no campo da fisioterapia parecem se encaixar à necessidade de atenção a essa peculiaridade, carecendo ampliar as suas perspectivas, também pelo olhar dos consumidores de produtos e serviços. Habitualmente, as investigações no campo da fisioterapia se concentram nas práticas fisioterapêuticas conflitantes e alicerçadas na abordagem quantitativa (PACI *et al*., 2009).

Desse modo, o foco de pesquisa no campo da fisioterapia segue o modelo biomédico de pesquisar, cujas abordagens são concentradas em estudos com desenhos epidemiológicos, à procura de relações de causa e efeito, medições objetivas e generalização dos resultados (VAN BENTEN *et al*., 2014). As pesquisas com grupos focais na fisioterapia, normalmente se concentram para verificar a percepção dos pacientes, diante os métodos empregados no tratamento (LIMA, 2021; ROSSETTINI *et al*., 2021).

Vale ressaltar que a utilização de grupos focais para gerar informações, revela-se em particular proveito na pesquisa qualitativa, posto que, nos programas e estratégias de saúde, no tocante à tomada de decisões, propicia apreender a complexidade do objeto e seu caráter dinâmico (NOVAES, 2000), enfatizando a necessidade de considerar a visão de diferentes sujeitos de contextos sociais díspares, sobre os quais incidem o fenômeno a ser avaliado (TANAKA; MELO, 2004).

A relevância deste artigo reside na possibilidade de inspeção de um método de abordagem qualitativa, os grupos focais, utilizado na pesquisa científica qualitativa, dotado a identificar o sistema de valores, motivos, normas de comportamento e atitudes determinantes da conduta humana em sociedade.

Diante essa necessidade de ampliar o conhecimento exploratório da sistematização do funcionamento de grupos focais como ferramenta de investigação qualitativa, este artigo se lança a conhecer as implicações e expectativas capazes de ampliar seu uso no campo da fisioterapia. Assim, para alcançar esse objetivo, optou-se por um ensaio acadêmico interpretativo, para refletir sobre as perspectivas da obtenção e da análise de informações advindas de grupos focais, na ânsia de incentivar os fisioterapeutas a incorporarem os resultados qualitativos em suas práticas profissionais, seja na escolha e execução de procedimentos, seja no papel educativo do processo de reabilitação.

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.27.577

2 Concepção de grupos focais

Os grupos de focais são entrevistas qualitativas técnicas de pesquisa, aplicadas a um pequeno grupo de pessoas relativamente homogêneas, administradas por um moderador com a responsabilidade de criar um ambiente de apoio que incentiva os participantes a compartilharem suas opiniões e experiências, centrando a discussão no tema de interesse, para fornecerem dados qualitativos de um tema específico (TAUSCH; MENOLD, 2016).

No uso cotidiano, o termo "grupos focais" pode ter inúmeras acepções. Mesmo no ambiente científico, ainda existe um debate sobre qual é a concepção mais adequada da realização de grupos focais. Apesar da ausência de um consenso sobre a melhor forma de conceber um grupo focal, há uma característica comum das propostas: a maioria concorda se tratar do envolvimento de pequenos grupos de pessoas com peculiaridades comuns, propositadamente selecionados pelo pesquisador, centrado no desejo de explorar as percepções e atitudes dos participantes, sentimentos ou ideias sobre um determinado assunto, experiência, ou outro fenômeno (CHANG; HSU, 2006).

O método de grupo focal é uma ferramenta metodológica apresentada como confiável e válida, assim como apropriada para estudar mecanismos e fenômenos sociais relacionados à fisioterapia. O método permite obter prontamente material rico e individualizado, que corresponde à percepção dos entrevistados, portanto, adequado a ser utilizado como uma fotografia da realidade, permitindo a compreensão detalhada dos fenômenos em estudo e resolver os problemas de modo prático. A ideia por trás do método de grupo focal é o poder de processos de grupo ajudar as pessoas a explorar e esclarecer seus pontos de vista de modo facilitado, quando comparado à abordagem por entrevista individual (DAVIS *et al*., 2019).

O interesse nos grupos focais para aumentar a capacidade de abordagens qualitativas no campo da fisioterapia, faz parte de mudanças, ainda em andamento, da perspectiva de pesquisadores fornecerem informações quantitativas capazes de informar com segurança, sobre comportamentos de pacientes em resposta a procedimentos fisioterapêuticos (STEWART; WILLIAMS, 2005).

Na prática, pesquisa e desenvolvimento profissional em fisioterapia, apresentam a necessidade latente de conhecimentos relacionado às questões de percepção e entendimento de alguns fenômenos. Por exemplo, por que os pacientes não cumprem as recomendações fisioterapêuticas? Quem são esses pacientes relutantes? Como é a

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.27.577

experiência de ter uma sequela incapacitante? Quais são as barreiras de um tratamento fisioterapêutico de longo prazo? A pesquisa qualitativa pode abrir novos conhecimentos para responder estas perguntas, por adequação para descrever e analisar características, propriedades ou qualidades dos fenômenos em estudo, aumentando a compreensão da realidade e como ela se revela para o indivíduo. Enquanto os métodos quantitativos são baseados em materiais numéricos, o material em estudos qualitativos geram narrativas, explicações, tipologias, estruturas conceituais e similares (PACI *et al*., 2009).

Métodos qualitativos também são importantes na fisioterapia para desenvolver conceitos e teorias no campo e para aumentar a compreensão da interação entre terapeuta e usuário. Os métodos podem se complementar e proporcionar uma compreensão mais profunda de um problema. Estudos qualitativos podem gerar hipóteses e variáveis relevantes que podem mais tarde ser testadas em estudos quantitativos (LIMA *et al*., 2022a).

3 Implicações e expectativas com os grupos focais

Para alcançar o escopo da pesquisa, utilizando-se de método de grupos focais, requer um sistema reflexivo sobre a abordagem dos participantes, a moderação e a coleta de dados. É peculiar acontecer, além da busca de opiniões dos entrevistados, também, falhas nas interpretações, causadas pelas convicções prévias do avaliador, ou seja, os relatos dos respondentes, são potencializadores de confusão, pois os pesquisadores, ao ouvirem e interpretarem os respondentes, podem projetar paradigmas. Assim, os dados dos grupos focais devem ser analisados descritivamente e não com características de interação da informação pelo mediador (TATES *et al*., 2009).

Diverso dessa concepção, a entrevista de grupo focal é uma marca das tendências humanas, pois como produto do meio, o sujeito é influenciado pelas atitudes e percepções relativas a conceitos, produtos, serviços ou programas (KRUEGER, 1994). Embora a interação entre os participantes de grupos focais seja considerada um marco desse tipo de pesquisa, diversos estudos ressaltam que a interação é raramente avaliada, analisada ou discutida com base no material empírico coletado por meio desse método (HALKIER, 2010; WILKINSON, 1998; KITZINGER, 1994). Nessa perspectiva, há margem para ignorar as interações, as experiências, os conflitos cognitivos, como potenciais elementos que podem resultar em uma reestruturação da base de conhecimento ou de mudança conceitual dos participantes dos grupos focais (DOLMANS *et al*., 2001).

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.27.577

Um aspecto contestado do grupo focal, trata sobre a limitação dos dados. A presença de membros dominantes ou silenciosos, compartilhando o mesmo ambiente de conversas, dificulta o intercâmbio de opiniões e atitudes dos membros do grupo, potencializando o surgimento de distorções e parcialidades. Como a interação dos participantes é a característica definidora do método (Pohontsch *et al*., 2021), a tarefa de condução do grupo focal, enquanto instrumento de pesquisa, exige do moderador, habilidades específicas no manejo das discussões em grupo, de modo a centrar-se no processo, manter o foco sobre os interesses do estudo, sem negar aos participantes a possibilidade de se expressarem espontaneamente (GONDIM, 2002).

Parece pacificado entre os pesquisadores, que o método de grupo focal amplia a compreensão de fenômenos sociais obtidas com informações quantitativas. Esse entendimento está implícito nos relatórios de pesquisadores qualitativos ao conseguir explorar categorias como experiências pessoais, linguagens aplicadas, significados culturais e formas de interação individual e coletiva. Desse modo, o grupo focal não foi pensado para alcançar conclusões, mas sim, para adentrar na profundidade do problema norteador da pesquisa, para se aproximar do entendimento de como as pessoas compreendem a situação investigada e se afastar da generalização (SCHEELBEEK *et al.*, 2020).

Há também um corpo considerável de literatura realçando a importância da objetividade dos resultados oriundos de grupos focais. A objetividade pode ser entendida como a realização simultânea de validade e confiabilidade do estudo. Validade significa saber até que ponto uma descoberta é independente das circunstâncias aleatórias do estudo e o quanto os resultados representam a realidade e, confiabilidade, depende do grau que os resultados podem ser recuperados ou reproduzidos por outro pesquisador (WILLIS *et al*., 2009). A validade dos estudos reforça o peso da confiabilidade dos resultados de uma pesquisa (BRANDL *et al*., 2018).

Quando o grupo focal for utilizado em combinação com outras técnicas de pesquisa, recomenda-se proceder à triangulação das informações como parte do processo de validação dos dados (TRAD, 2009). O termo "triangulação" se refere ao uso de múltiplos métodos ou abordagens quando se estuda um fenômeno, por exemplo, o uso de múltiplos métodos, múltiplos pesquisadores ou múltiplas teorias. O objetivo da triangulação é obter uma descrição mais diversificada e, portanto, mais precisa do fenômeno em estudo.

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.27.577

Assim, a triangulação visa obter uma perspectiva real de uma condição ao combinar diferentes perspectivas sobre ela ou diferentes resultados obtidos, devolvendo aos participantes, os dados, os resultados e as conclusões preliminares para verificar se o produto alcançado corresponde com o que os participantes desejaram dizer (BRANDL; MANDEL; WINEGARDEN, 2017).

Para Silverman *et al*., (2006), a validade das informações obtidas de grupos focais deveriam passar por cinco etapas críticas de análise, quando o pesquisador deve: refutar uma suposta existência de relação dos fenômenos em estudo; tentar encontrar outro caso com o qual se pode testar uma tentativa hipótese; não extrapolar os resultados; analisar os desviantes, pressupondo que a análise qualitativa não deve parar antes de se obter uma explicação de todas as variações nos dados; e, utilizar análises apropriadas para cada caso desenho de estudo.

Os grupos focais são menos trabalhosos quando comparados com entrevistas individuais, sendo preferíveis sob algumas condições, principalmente, quando os respondentes não estão dispersos geograficamente e quando o tema dispensa a alta qualificação de conhecimento dos participantes. A discussão muito aprofundada dificulta ao moderador, a interação entre os participantes. A presença de discussões dinâmicas é um dos componentes estruturantes deste método de pesquisa e deve ser preservada (HARRISON *et al*., 2015).

A coleta de informações de grupo de discussão ocorre na constante interação dos respondentes, onde os participantes se influenciam mutuamente. Outra semelhança comum a todas as categorias de entrevista de grupos focais é a relativa homogeneidade do grupo, alcançada mediante a seleção de participantes conforme critérios específicos e objetivos do estudo (MCRACKAN *et al.*, 2017).

A base metodológica para classificar os grupos de foco não se restringe ao número de participantes, mas também, à sua composição e objetivo, podendo ser exploratório, clínico-motivacional e fenomenológico. Na maioria das vezes, os tipos de grupos de foco têm muito em comum, as entrevistas em grupo conduzidas por um moderador bem treinado, com a função de administrar a discussão e estimular os participantes ao debate.

Para Sim e Waterfield (2019), as fases do processo de grupo focal incluem: formação, excitação, normatização, execução e conclusão. A fase formativa estabelece um modelo para a comunicação de grupo. A excitação ajuda o grupo a estabelecer limites mútuos e a passar ao estabelecimento de normas, enquanto a normatização regula a fase de excitação, quando há mudanças no ritmo da conversa, ou gera ambiente de tensão; é

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.27.577

caracterizado pela busca de equilíbrio para permear o ambiente de discussão. A execução de tarefas alberga os acordos entre os inquiridos, bem como, as suas divergências; a conclusão surge como etapa que culmina com o encerramento das discussões e a dispersão do grupo, quando o moderador obtém as informações necessárias para cumprir os objetivos de sua investigação.

Em um estudo com grupo focal, o pesquisador deve fornecer uma descrição e uma legitimação convincente da amostra. Ele deve explicar quem foi selecionado e por quê. Deve indicar quantas pessoas foram incluídas e uma justificativa para a escolha deste número.

Um fenômeno social importante, com um impacto significativo na dinâmica do grupo focal, é o comportamento conformista, o que é altamente indesejável. O valor dos resultados dos grupos focais depende diretamente da diversidade de opiniões obtidas numa entrevista de grupo. O conformismo é uma atitude que corresponde a um cumprimento de comportamentos que se espera de um indivíduo ou grupo em uma situação, ou seja, cumprir significa não se desviar do padrão aceito (AGAR; MACDONALD, 1995).

Sobre isso, Kelman (1958) identificou três tipos de conformismos indesejáveis nos grupos focais: complacência, identificação e internalização. A complacência aparece nas relações de poder, quando é melhor para o indivíduo se conformar para preservar a sua aprovação pelo grupo. Ele deseja, portanto, evitar uma resposta que vai contra a opinião geral. Na identificação, a conformidade surge do desejo do indivíduo manter relacionamentos positivos com o grupo e, ser aceito. Na internalização, a conformidade ocorre decorrente da valorização dada a uma fonte de influência considerada altamente confiável. A autoridade da opinião alheia faz o sujeito internalizar a mensagem em seu sistema de valores e aceitá-la como sua (PALAVISSINE *et al*., 2022).

O número de participantes dos grupos focais está intimamente relacionado com a dinâmica e o fluxo dos processos de grupo. À medida que a dimensão do grupo aumenta, os fenômenos e processos que ocorrem no grupo tornam-se mais pronunciados. Por exemplo, o grupo focal numeroso tende de aumentar a conformidade, bem como, a possibilidade de formação de agrupamentos e de subgrupos. A tribulação de um pequeno número de participantes em grupos focais é o risco surgir um leque pequeno de opiniões (BREEN, 2006).

Na abordagem qualitativa, os grupos focais têm forte potencial de diagnóstico. Enquanto o tamanho ideal para um grupo focal funcionar não alcança pacificação, são

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.27.577

considerados dois tipos de grupos de foco: grupos completos e minigrupos. O grupo completo, é normalmente constituído de 8 a 10 participantes (até 12 em casos excepcionais), que dura de 90 a 180 minutos, sob a supervisão de um moderador qualificado. O minigrupo, envolve ordinariamente 4 a 6 participantes. A generalização do tamanho ideal do grupo é aquele cujo número de participantes permita a participação efetiva e diversa dos membros (PIZZOL, 2004).

A conveniência de recrutar participantes é determinada pelos padrões de dinâmica de grupo e pelo objetivo específico da investigação. A rigor, é preferível trabalhar com grupos menores. No entanto, algumas situações, por exemplo, quando se deseja conhecer a dispersão de opiniões sobre uma questão, os grupos pequenos de participantes podem não ser a melhor escolha. Grupos mais numerosos tendem a pressionar mais fortemente os polos opostos e extremos de opiniões, requerendo habilidade do moderador para não permitir que falas possam silenciar participantes por constrangimento ou qualquer outra justificativa.

Estabelecer grupos focais com número pequeno de participantes na intenção de amenizar a pressão do grupo, não é recomendação como regra. Grupos pequenos arrastam problemas e peculiaridades que devem ser controlados. A curta duração do grupo focal e a determinação do grau de sua importância (restrição na diversidade de pontos de vista), são exemplos limitadores de transferência inequívoca dos resultados para assegurar a validade dos resultados.

De acordo com Breen (2006), a compatibilidade dos participantes na composição de um grupo focal é ponto-chave para determinar a eficiência do método. A semelhança dos participantes é frequentemente utilizada como critério de seleção. Essa atitude tende a produzir experiências semelhantes e com pequena interação. Assim, o moderador deverá direcionar o envolvimento de todos os participantes na discussão, para suscitar opiniões originais segundo os objetivos da investigação, com o desafio de neutralizar a influência de participantes prevalecedores, ou seja, o moderador deverá ser o líder do grupo (BRILLER, 2007).

Para maximizar o rendimento na liderança de grupos focais, algumas características do moderador são imprescindíveis: a capacidade de pertencimento ao grupo; saber ouvir os participantes; se habituar aos problemas em discussão; ter boa memória auditiva; organizar o material estruturado; estabelecer relação com os participantes e compreender o tema em escopo; conhecer previamente o tema; ter boa

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.27.577

comunicação e capacidade de distribuir a atenção para os participantes; entre outras capacidades orientadas para a realização de liderança (GRØNKJÆR *et al*., 2011).

Um paradoxo observado na configuração do grupo focal reside na sua homogeneidade. O grupo focal deve ser tão homogêneo quanto possível, mas, simultaneamente, deve fornecer variabilidade entre os participantes. O princípio norteador do critério de homogeneidade deve observar o quanto esse fator influenciará a discussão do grupo. A constituição aleatória de grupos focais, mostra, com frequência, elementos perturbadores na discussão, principalmente quando se dirigem aos participantes com perguntas negativas, específicas e fechadas. Sobre isso, não está claro se as perturbações decorreram da heterogeneidade do grupo ou por outros fatores (GUEST *et al.*, 2017).

Sinteticamente, as discussões dos grupos focais têm vários proveitos, se constituindo em uma ferramenta de recolha de dados qualitativos, cujos participantes desenvolvem pontos de vista, estimulando o pensamento e a discussão de um tema em foco, gerando perspectivas que se transformarão em dados de pesquisa (TRAD, 2009; THEN; RANKIN; ALI, 2014).

Uma desvantagem dos grupos focais é a sua susceptibilidade a preconceitos e paradigmas, por influência de opiniões de participantes dominantes ou pelo moderador (TAUSCH; MENOLD, 2016). Assim, o desviar do tópico original, poderá fornecer informações de importância relativa, sem que possam ser utilizadas para atender à questão norteadora do estudo proposto (SCHEELBEEK *et al*., 2020). Em tais situações, os dados poderiam ser confusos; por conseguinte, é imperativo que os moderadores possuam habilidades de gerenciamento de grupos.

Diante do exposto, espera-se que este artigo auxilie os fisioterapeutas na prática clínica, prevenção e educação a usarem a pesquisa qualitativa criticamente, como passo importante, na prática da fisioterapia baseada em evidências.

4 Conclusão

Este artigo surgiu da percepção que pesquisas qualitativas podem ser exploradas mais efetivamente no campo da fisioterapia. As demandas que surgem no ambiente clínico e de interesse dos fisioterapeutas, podem ser melhor abordadas usando metodologias qualitativas. A escolha de uma abordagem qualitativa depende da natureza do problema de investigação.

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.27.577

Se há diferentes fenômenos a investigar, imagina-se, necessário, diferentes métodos de investigação. Não há uma hierarquia estabelecida de superioridade de um método de pesquisa sobre o outro, não parecendo plausível a comparação direta das diferentes abordagens metodológicas de estudo. Assim, considerar o uso de pesquisa qualitativa, explorando informações de grupos focais, parece promissor para ampliar as possibilidades de diferentes abordagens nas pesquisas em fisioterapia.

Referências

AGAR, M.; MACDONALD, J. Focus groups and ethnography. **Hum. Organ**., Tampa, v. 54, n. 1, p. 78–86, mar. 1995.

BICUDO, M. A. V. Pesquisa qualitativa: significados e a razão que a sustenta. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 7-26, fev. 2009.

BRANDL, K.; MANDEL, J,; WINEGARDEN, B. Student evaluation team focus groups increase students' satisfaction with the overall course evaluation process. **Med Educ**., London, v. 51, n. 2, p. 215–227, feb. 2017.

BRANDL, K.; RABADIA, S. V.; CHANG, A.; MANDEL, J. Benefit of focus group discussion beyond online survey in course evaluations by medical students in the United States: A qualitative study. **J Educ Eval Health Prof**., Chuncheon, v. 15, n. 25, p. 1-5, oct. 2018.

BREEN, R. L. A practical guide to focus-group research. **J. Geogr. High. Educ**., Gloucestershire, v. 30, n. 3, p. 463–475, nov. 2006.

BRILLER, S. H.; SCHIM, S. M.; MEERT, K. L.; THURSTON, C. S. Special considerations in conducting bereavement focus groups. **Omega**, [*S.I.*], v. 56, n. 3, p. 255–271, may. 2007.

CHANG, M. Y.; HSU, L. L. Qualitative research: an introduction to focus group methodology and its application. **Hu Li Za Zhi**, Beijing, v. 53, n. 2, p. 67-72, apr. 2006.

DAVIS, K.; MINCKAS, N.; BOND, V.; CLARK, C. J.; COLBOURNT et al. Beyond interviews and focus groups: a framework for integrating innovative qualitative methods into randomised controlled trials of complex public health interventions. **Trials**, Toronto, v. 20, n. 1, p. 1-16, jun. 2019.

DOLMANS, D. H.; WOLFHAGEN, I. H.; VAN DER VLEUTEN, C. P.; WIJNEN, W. H. Solving problems with group work in problem-based learning: hold on to the philosophy. **Medical Education,** London, v. 35, n. 9, p. 884-889, sep. 2001.

GONDIM, S. M. G. Perfil profissional e mercado de trabalho: relação com formação acadêmica pela perspectiva de estudantes universitários. **Estud. Psicologia**, Natal, v. 7, n. 2, p. 299-309, jul. 2002.

GRØNKJÆR, M.; CURTIS, T.; DE CRESPIGNY, C.; DELMAR, C. Analysing group interaction in focus group research: impact on content and the role of the moderator. **Qualitative Studies**, Aalborg, v. 2, n. 1, p. 16–30, 2011.

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.27.577

HALKIER, B. Focus groups as social enactments: integrating interaction and content in the analysis of focus group data. **Qualitative Research**, [*S.I.*], v. 10, n. 1, p. 71-89, feb. 2010.

HARRISON, M.; BAKER, J.; TWINAMATSIKO, M.; MILNER-GULLAND, E. J. Profiling unauthorized natural resource users for better targeting of conservation interventions. **Conservation Biology**, Washington, v. 29, n. 6, p. 1636–1646, aug. 2015.

KELMAN, H. C. Compliance, identification, and internalization: Three processes of attitude change. **Journal of Conflict Resolution**, Prince George's, v. 2, n. 1, p. 51-60, 1958.

KITZINGER, J. The methodology of focus groups: the importance of interaction between research participants. **Sociology of Health & Illness**, Leeds, v. 16, n. 1, p. 103-121, jan. 1994.

KRUEGER, R. A. **Focus groups: a practical guide for applied research**. 2. ed. Thousand Oaks: Sage, 1994.

LAZARIM, C. A. P.; SILVA, E. T. A.; FIORATTI, N. A.; STRIDER, D. M.; LIMA, D. F: JUSTINA, L. A. D. Discussões sobre cultura científica: uma breve análise. In: CONGRESSO BRASILEIRO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA – COBICET, 3, 2022, Diamantina. **Anais do Congresso Brasileiro Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia**. Diamantina: Even3, 2022. p. 1- 8.

LIMA, D. F. de. Dilemas éticos relacionados às pesquisas qualitativas nas ciências humanas e sociais. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 9, n. 22, p. 582–592, dez., 2021.

LIMA, D. F., LIMA, L. A.; SAMPAIO, A. A.; STOBAUS, C.D. Revisão sistemática de revisões da literatura sobre a síndrome de burnout em docentes do ensino superior no Brasil. **Perspectivas em Diálogo**: Revista de Educação e Sociedade, Naviraí, v. 9, n. 19, p. 159-174, jan., 2022a.

LIMA, D. F.; LIMA, L. A.; SCHULTZ, D.; ANDRÉ, T. C. Como vai, jovem professor? O recrutamento de fisioterapeutas não licenciados para o cargo de professor. **Cad. Edu Saúde e Fis.** São Paulo, v. 9, n. 19, p. e09196, jun., 2022b.

MAATZ, A.; WAINWRIGHT, M.; RUSSELL, A. J.; MACNAUGHTON, J.; YIANNAKOU, Y. What's difficult'? A multi-stage qualitative analysis of secondary care specialists' experiences with medically unexplained symptoms. **J Psychosom Res**., Lausanne, v. 90, p. 1-9, nov. 2016.
McRACKAN, T. R.; VELOZO, C. A.; HOLCOMB, M. A.; CAMPOSEO. E, L.; HATCH, J. L. et al. Use of Adult Patient Focus Groups to Develop the Initial Item Bank for a Cochlear Implant Quality-of-Life Instrument. **JAMA Otolaryngol Head Neck Surg**., Chicago, v. 143, n. 10, p. 975–982, oct. 2017.

NAVES, C. R.; BRICK, V. D. E. S. Análise quantitativa e qualitativa do nível de conhecimento dos alunos do curso de fisioterapia sobre a atuação do fisioterapeuta em saúde pública. **Cien Saude Colet.**, Rio de Janeiro, v. 16, Suppl 1, p. 1525-34, 2011.

NOVAES, H. M. D. Avaliação de programas, serviços e tecnologias em saúde. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 34, n. 5, p. 547-59, out. 2000.

PACI, M.; CIGNA, C.; BACCINI, M.; RINALDI, L. A. Types of article published in physiotherapy journals: a quantitative analysis. **Physiother Res Int.**, [*S.I.*], v. 14, n. 4, p. 203-12, dec. 2009.

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.27.577

PALAVISSINI, C. F. C.; PREDIGER, D. M.; DE LIMA, D. F. D.; LIMA, D. F. Valorização da ciência e tecnologia em contexto de pandemia. *In:* SOUZA, Poliana Mendes. **Ensino e extensão em cursos de formação interdisciplinar.** Recife: Even3 Publicações, 2022.

PIZZOL, S. J. S. Combinação de grupos focais e análise discriminante: um método para tipificação de sistemas de produção agropecuária. **Rev. Econ. Sociol. Rural**, Brasília, v. 42, n. 3, p. 451-468, set. 2004.

POHONTSCH, N. J.; SCHULZE, J,; HOEFLICH, C,; GLASSEN, K,; BRECKNER, A. et al. Quality of care for people with multimorbidity: a focus group study with patients and their relatives. **BMJ Open**., London, v. 11, n. 6, p. e047025, jun. 2021.

ROSSETTINI, G,; GERI, T,; TUROLLA, A.; VICECONTI, A.; SCUMÀ, C. et al. Online teaching in physiotherapy education during COVID-19 pandemic in Italy: a retrospective case-control study on students' satisfaction and performance. **BMC Med Educ**., London, v. 21, n. 1, p. 456, aug. 2021.

SCHEELBEEK, P. F. D.; HAMZA, Y. A.; SCHELLENBERG, J.; HILL, Z. Improving the use of focus group discussions in low income settings. **BMC Med Res Methodol**., London, v. 20, n. 1-10, p. 287, nov. 2020.

SILVERMAN, J. G.; DECKER, M. R.; REED, E.; ROTHMAN, E. F.; HATHAWAY, J. E; RAJ A; MILLER E. Social Norms and Beliefs Regarding Sexual Risk and Pregnancy Involvement among Adolescent Males Treated for Dating Violence Perpetration. **J Educ Eval Health Prof.**, New York, v. 15, n. 25, p. 723–735, jul. 2006.

SIM, J.; WATERFIELD, J. Focus group methodology: some ethical challenges. **Qual Quant**., New York, v. 53, n. 6, p. 3003–3022, nov. 2019.

STALMEIJER, R. E.; MCNAUGHTON, N.; VAN MOOK, W. N. Using focus groups in medical education research: AMEE Guide No. 91. **Med Teach**., Bethesda, v. 36, n. 11, p. 923-39, nov. 2014.

STEWART, K.; WILLIAMS, M. Researching online populations: The use of online focus groups for social research. **Qual. Res.**, [*S.I.*], v. 5, n. 4, p. 395–416, nov. 2005.

TANAKA, O.; MELO, C. Reflexões sobre a avaliação em serviços de saúde e a adoção das abordagens qualitativa e quantitativa. In: BOSI, M. L. M.; MERCADO, F. J. (org.). **Pesquisa qualitativa de serviços de saúde**. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 121-136.

TATES, K.; ZWAANSWIJK, M.; OTTEN, R.; VAN DULMEN, S.; HOOGERBRUGGE, P.; KAMPS, W. A.; BESING, J. M. Online focus groups as a tool to collect data in hard-to-include populations: Examples from paediatric oncology. **BMC Med. Res. Methodol**., London, v. 9, n. 3, p. 15–23, mar. 2009.

TAUSCH, A. P.; MENOLD, N. Methodological Aspects of Focus Groups in Health Research: Results of Qualitative Interviews With Focus Group Moderators. **Glob Qual Nurs Res**., Thousand Oaks, v. 3, p. 1-14, mar. 2016.

THEN, K. L.; RANKIN, J. A.; ALI, E. Focus group research: what is it and how can it be used? **Can J Cardiovasc Nurs**., Ottawa, v. 24, n. 1, p. 16-22, jan. 2014.

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.27.577

TRAD, L. A. B. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.19, n. 3, p. 777-796, maio. 2009.

VAN BENTEN, E.; POOL, J.; MENS, J.; POOL-GOUDZWAARD, A. Recommendations for physical therapists on the treatment of lumbopelvic pain during pregnancy: a systematic review. **J Orthop Sports Phys Ther**., Alexandria, v. 44, n. 7, p. 464-73, jul. 2014.

WILKINSON, S. Focus group methodology: a review. **International Journal of Social Research Methodology**, London, v. 1, n. 3, p. 181-203, jun. 1998.

WILLIS, K.; GREEN, J.; DALY, J.; WILLIAMSON, L.; BANDYOPADHYAY, M. Perils and possibilities: achieving best evidence from focus groups in public health research. Aust N Z **J Public Health**., Oxford, v. 33, n. 2, p. 31–136, apr. 2009.

Recebido em: 13 de novembro de 2022.

Aceito em: 13 de março de 2023.